

Viagem de ida: de *There is no Ithaca a Ítaca não há.*

Transcrição da poesia de Jonas Mekas ao português.

texto: Ж - design: .txt texto de cinema

/ A viagem /

O projeto consiste em realizar a transcrição poética do livro *There is no Ithaca*, do radical cineasta e poeta Jonas Mekas. O livro de Mekas é poética de palavra e vida. Práxis da escrita encravada no campo da experiência. Poieses. Escrita de som e sentido, silêncios. Versos são sussurros ao aberto. Ao devir, a vida a dar, à deriva, prestes a acontecer. Em Kassel, num campo de refugiados escreve seus *Idylls of Semeniskiai*, já em Nova York produz *Reminiscences*. Juntas as poéticas compõe *There is no Ithaca*. Ambas ocorrem num limiar, num “entre”. Vácuo entre o que já aconteceu - catástrofe- e do que virá. Jonas-melhor seria chamá-lo Janus - dá a ver ambos tempos. Poesia resvala no cinema ao trazer uma memória do futuro *a história do cinema nos chega do futuro*¹. Revela o real, realiza o concreto- imagético- da palavra. Transforma a história e sua práxis de poesia numa resistência, num prazer. Isto é, numa forma possível de vida. A história de Jonas de modulação cinematográfica, fez um movimento similar ao cinema *acompanhou com afinco todas as desgraças do século XX*².

A empresa de transcriar aqui proposta se estrutura no pensamento aplicado e desenvolvido em vi(d) por Augusto, Haroldo de Campos e Décio Pignatari. Se trata do exercício da crítica via tradução, tarefa já antes sugerida por Erza Pound no ABC da Literatura.

Nesse sentido, a proposta é a criação deste laboratório textual- reside aqui o “que” deste projeto - capaz de empreender a tradução/transcrição da viagem de Jonas pela poesia. É sabido que viabilizar tamanha empresa resultaria num trabalho inócuo sem que se construa uma concordância entre as partes de como se dará a transposição do texto original em lituano para o português do Brasil. Vale lembrar a clássica de Haroldo de Campos:

“Traduzir poesia há de se criar- re-criar, sob pena de esterilização e petrificação, o que é pior do que a alternativa de trair”.³

1 KLUGE, Alexander. 120 Histórias del cine. Caja Negra: Buenos Aires, 2010. Tradução própria

2 KLUGE, Alexander Op.Cit. pg.183 Tradução própria

3 CAMPOS, Haroldo de. O texto como produção (Maiakovski). In. A operação do texto. Perspectiva: São Paulo, 1976.

4 ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental transformações contemporâneas do desejo. Ed. Sulina: Porto Alegre, 2001.

5 VETOR, Walter. Revista Zunai, 2012 consultado em: www.revistazunai.com/traducoes/chyio_ni1.htm em 10 outubro 2013.

Jonas em sua jornada de vi(d)a optou - convidado pela vida- pelo inglês como segunda língua, porém sua poética originalmente foi escrita em Lituano. O laboratório consistiria portanto, nessa ação de trans-criar a partir de consensos e acordos. Os níveis do dito acordo serão definidos pela equipe de tradutores. Dita cooperação, inédita tratando-se da poesia de Jonas e pouco realizada, no sentido do campo dos poetas lituanos traduzidos no Brasil se torna tarefa “obrigádua”. Luta de vida, aquela de cavaleiros contra o moinho. “Vale a pena ser poeta?” (Jards Macalé). A Viagem afirma a poesia, se percebe como- aventura- viável. Talvez, até importante é considerar a provável abertura em ambos campos que proverá. Jonas ilumina, faz presente e projeta o encontro de ambos. Traduzir o trabalho poético de Jonas é por em cheque todo o especialismo, do campo da arte e de todos os campos. Pode um homem do campo ser cineasta de vanguarda? O Jonas poeta nos faz pensar, acaso não será um só o campo?

/ A arte ativa de traduzir /

Para a empreitada foram convidados um poeta- arguto- exímio tradutor envolvido a tempos com a poesia, Walter Vetor. Ele será o aventureiro. Cartógrafo do mapa aberto à inventar:.

“O que ele (o cartógrafo) quer é mergulhar na geografia dos afetos, e ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem.”⁴

Diego Dias da mesma RIVERAO- firma de poesia- fará o design de produção do grupo, e da impressão. A firma, de conhecida ação no campo, milita, pinta, borda, pixa e serigrafia o mundo da criação poética vide - Ebó para Lina Bo, DASCATATAU, etc. Tratada assim a tarefa, árdua em si, parece quase lúdica. Se transforma em joy, jogo de verter versos em outros. Viagem das boas, good trip, viagem a Ítaca -ou seria a volta desencantada? *There is no Ithaca*. Tradução como viagem, “linguaviagem” na qual a poesia nos dizeres do próprio tradutor convidado: (...) *a meu ver uma vida/ viagem só de ida, sem saída.*⁵



frame da entrevista realizada por akira e chico frança - setembro 2014, nova iorque

No laboratório do texto ainda incluiremos um tradutor do lituano ao inglês. A vigência dos acordos tradutórios criados visa unicamente o rigor no desempenho da viagem. A princípio pensamos que o mesmo se dará minimamente nos níveis fônico, morfossintático e semântico. Segundo Walter Benjamin: *Tradução é forma*, portanto num trabalho duplo, de serventia fônica para a viagem da tradução por um lado, e pedagógico-crítica por outro, gravaremos os áudios de Jonas recitando os seus poemas em ambos idiomas (inglês e lituano). Os áudios formarão um disco que acompanhará o livro.

Em síntese, o projeto visa financiar a viagem de trans-criação do trabalho de Jonas, possibilitando a criação de um livro completo. Algo digno de ser incluído no repertório brasileiro, por mérito do poeta, pelo seu trajeto, mas, principalmente pela própria tradução.

Fica o desejo de que claro esteja a ambição singela dessa empresa; a de produzir uma viagem de campo aberto. Trajeto que desde já é *maravilha de tornaviagem é tornassol viagem de maravilha onde a migalha a maravalha a apara.*⁶ Que nada a pare, impeça. Que o contrário ocorra, que se permita. Voo ao aberto. Convite a queda, ascensão opcional. Viagem de desejo.

Se isso fosse texto de um filme se ditaria assim o “que” da Viagem. Texto do tipo “roteiro de cinema” americano- de um outro cinema americano já que no do Jonas texto deste tipo não há. Nos seus filmes, ocorre também na poesia- a ação é a própria vida.

Em fim, se fosse filme de cinema - seria sincero chamá-lo de velho cinema americano ? - desses cinemas com roteiros, algo assim diria:

EXT - PRÉDIO LARGO DE PAISSANDU SP (Escritório da RIVERAO) - MANHÃ

Largo do Paissandu- amanhecer

Se vê os tradutores (Diego, Walter) na janela do escritório. Eles tomam velocidade... correm como num impulso e saltam....

Viagem. O começo da (...)

/ Contexto da viagem /

Nos idos de 1983, num lúcido depoimento sobre a palavra poética, Décio diz:

“Em um país onde ainda não se sabe qual é a norma culta, em um País de tantos falares, a palavra escrita na literatura parece não acompanhar essa inquietude(...).”⁷

Esse quadro crítico -desconhecimento dos falares e da palavra escrita desatenta- se transformou. A polifonia se intensificou, outros glosares e cantares se tornaram acessíveis. Se escreve bastante em português, o universo lusófono foi enriquecido por uma ampla gama de importantes escritores africanos revelados, portugueses desenterrados e brasileiros reeditados- Paulo Leminski é prova disso, tendo a recente compilação de seu poemário -Toda Poesia Paulo Leminski- figurado de maneira inédita entre os 10 mais vendidos durante várias semanas entre 2012 e 2013. Esses números são índice, início da mais saudável tendência: ler poesia em português. Claro era para Paulo o valor do verso, o “porquê” da poesia. Razão que, de igual forma, poderia vir a justificar o laboratório de trans-criação aqui proposto.

“A poesia é o inútil, a única razão de ser da poesia é que ela faz parte daquelas coisas inúteis da vida que não precisam de justificativa, porque elas são a própria razão de ser da vida(...).”⁸

⁷ LEMINSKI, Paulo. Catatau. Iluminuras: São Paulo, 2011.

⁶ CAMPOS, Haroldo de. Galáxias. Ed.34: São Paulo, 2011

⁸ Transcrição do filme: Ervilha da fantasia, 1985 Dir. Werner Schumann.

/ Tradução - traição, não /

A Viagem -linguaviagem - é empresa ligada a uma forma de trabalho, de perfil de trabalho árduo, a saber: invenção. Num corte sincrônico, se pode herdar - capital ativo, Augusto vivo! - o trato com a matéria-palavra das mais radicais vanguardas, notadamente a russa e a brasileira. Esta tradição, tomada nesta viagem de forma afirmativa, traz algo todavia desconhecido- em relação ao rastro, ao legado culturomorfológico que deixa. Tradição de vanguarda (contradição). Diverge de si e segue em transformação - vide Revista Errática, Mussarara, Zunai e outras.

/ Faça a coisa certa ou, faça o que se deve fazer /

O movimento empregado nesta viagem -a de estar trazendo primeiro a poesia e a Jonas em particular- tem a ver com a ideia praticada propriamente pelo cineasta, de trazer a campo os vivos. Poderia ser o Tom Zé, ou o Bashô se estivéssemos no Edo.

Jonas o fez varias vezes, com Yoko, Maciunas e outros assim nada boçais. Tamanha generosidade, que de modo sublime, próprio da pessoa do Jonas, que responde -de um jeito todo dele mas em língua estrangeira - a pergunta de porque fez o que fez:

“- I had no choice, I had do it.”⁹

Assim entendido trazer a Jonas via projeto aqui inscrito, visa fazer uma devolução, agradecimento urgente ao cinema... a este pensar de outro modo o cinema. Caberia de igual forma- claramente não neste projeto- ligar a atitude e de igual forma dar sinal de gratitude a outros poetas do cinema igualmente vivos, vizinhos: Júlio Bressane, Carlos Adriano e Helena, VIVA!

Mas se atendo (apenas?) ao Jonas sua poética poderia ser chamada em nome próprio ao estilo dos grandes mestres chineses.¹⁰ Ela é importante por ser uma forma de vida expressa via linguagem. A proposta da viagem de trans-criação chama a Jonas por ter colocado o cinema à disposição do instante, por ter tornado esse saber/pensar

⁹ Transcrição de palestra dada por Jonas Mekas ao lado de Luis Guerrin no CCCB, Barcelona, 2011.

¹⁰ FRANÇOIS, Julien. El sabio no tiene ideas, Siruela: Madrid,

frame da entrevista realizada por akira e chico França - setembro 2014, nova iorque



- livre de qualquer trama- das transas comerciais e dos dramas. Jonas, por ter ensinando aos vindouros fazedores de filmes a mais dura/ simples tarefa - a do poeta. Aquele que, segundo Bashô, há de se disciplinar todos os dias.

Seu cinema -singularidade em si, forma de pensar- abre um campo de interpenetração na qual a poesia é a primeira convidada- logo a música via Velvet underground, e as artes plásticas por Yoko Ono, George Maciunas, Andy Warhol, citando só os mais conhecidos. Yann Beauvais cineasta de outro contexto- Paris- mas semelhante luta pensa o cineasta experimental “como aquele que se caracteriza por ter ocupado e ocupar ainda vários e diferentes lugares na cadeia do cinema” .

Jonas cumpriu com todos os postos, inventou, posturas -quase zen- para ir além de si.

Fez festivais, editou revistas, deu empregos para burlar a migração- Yoko via Film Culture- fez de tudo, em fim. Desse denso e ultra leve contexto saiu de tudo, até filmes. A empresa mais notória de sua vida, no legado visível que deixa é a Antology Films Archives, feita ao lado de Adolfa Mekas e outros radicais- terá sido essa sua maior empresa ou simplesmente estar vivo?

A coleção- Antology- de essenciais e desconhecidos filmes, foi feita assim, como a boa poesia, sem fim. Uma lição para os fazedores de filmes sobre a vastidão desta forma de pensamento, o cinema:

“Ele não se confunde com as outras artes, que visam antes um irreal através do mundo, mas faz do próprio mundo um irreal ou uma narrativa: com o cinema, é o mundo que se torna sua própria imagem, e não uma imagem que se torna o mundo.”¹¹

Logo, a viagem pela tradução é fulcral por ser poesia do início ao fim. A poesia: viagem ao desconhecido” (Maiakovski) aqui é assumida como forma de vida. Vida de viagem, i.e. vida de poesia, voltaríamos assim ao ponto de partida. Mais em caracol do que em labirinto o projeto se justifica a si pelo a priori do qual parte: sem poesia não há vida.

A dimensão poética, ao ser vista de um lugar diferente do nosso (ocidental) passa a ser entendida como algo inexorável a vida. Um algo que ocorre num fluxo -ávido- junto à vida.

A práxis poética de Jonas nos remete a essa ideia oriental- claro nos quase haicais nela presentes- mas principalmente pela contingência de sua escrita. There is no Ithaca é registro de uma vida no campo de refugiados. Escritura que opta em ver aquilo que menos ao redor havia: vida. Escolhe- escreve- uma saída aquilo, celebrar a vida via palavra.

The miracle of poetry. Nature, people, memories. Poetry flosa deep. It is a miracle. Good poetry, like nature, inspire new poetry . It's a miracle of words.(...).¹²

Verter as poesias de Jonas ao português é voltar a esse estado, dar a possibilidade de ver na poesia uma forma de iluminar a vida. Há portanto o valor implícito no campo poético, mas também de grande valia -algo além da mais valia- para o campo do cinema. A razão é, obviamente pela radical presença de Jonas neste campo, mas o valor do projeto da tradução reside em outro ponto. Trata-se de evidenciar uma prática de cinema livre. Um cinema do fora, cinema amador. Independente, não somente em sua forma de produção, mas independente de forma, dos clichês da forma. A empresa da tradução dá a ver isso na medida em que diz que esse cinema foi possível- ainda é - pelo que tem de poesia.

11 DELEUZE, Gilles. Cinema 1. A Imagem-movimento. Brasiliense: São Paulo, 1985.

13 FIGUEIREDO, Priscila, Revista Cultura e Pensamento. Entrevista com Hugo Giorgetti Brasília P.143-15 N.03 Dezembro,2007

12 MEKAS, Jonas. Letters from Nowhere. Paris experimental, 2003.

14 MEKAS, Jonas. Idylls os Semeniskai. Trad. MEKAS, Adolfas, Halleluhaj Editions: Nova Iorque, 2007

“Acho que o cinema tem que ser amador, na acepção da palavra. E a literatura dá isso- porque você pode dar aula de dia e escrever a noite. O cinema já pede um envolvimento de outra ordem(...).O Kafka pode ter publicado talvez um livro só em vida, mas já tinha constituído a obra dele. Na gaveta já é obra(...) num certo sentido é uma dádiva para o escritor ser amador.”¹³

Sendo desta forma amadores no trato da tradução - amador aquele que ama o que faz- esperamos empreender uma boa viagem, se não boa que ao menos possa ser feita porque deve ser feita... Que o tempo diga.

/ De Guttemberg a Jonas, ou será o contrário?/

O desafio desta edição, a aventura da trans-criação, são mínimos. Pequenos esforços, irrisório, miniaturas, plano fora de foco, ou imagem fora do plano, é o livro o objeto deste projeto. Apesar da sua grande valia do projeto em si.

Real empenho foi escrever os versos, editá-los ainda em Kassel, naquele campo de refugiados, sem condição alguma. Real esforço- ou simples dom- é olhar para o céu cinza, frente a um descampado marrom vivendo com mais vinte num quarto azul... e ver poesia..

“More than a half century ago, in 1948, in The Blue Room in Mattenberg, near Kassel, I typed the first edition of Semeniskiu Idiles on an old typewriter, letter by letter cutting mimeo stencils and printing one page at a time on a flat hand-rolled (not cranked!) mimeograph machine. Even Guttemberg would have appreciated this printing process.”¹⁴

Que o livro seja acessado de qualquer forma, por qualquer pessoa, que seja capaz de tamanha façanha, viver a vida. Capaz de operar um processo não linear e assíncrono no pensamento/ vida de seus leitores -como fez Jonas inventando condições para a poesia num estado pré Guttemberg.

Viver é “defender uma forma” Jonas faz isso e faz mais, ensina que a poesia é forma de vida, e que viver é defender a vida.